Atena
Editora
Ano 2022
Marcio
Bernardino
Sirino
JARDIM
DE
DISCURSOS

Atena
Editora
Ano 2022
MARCIO
BERNARDINO
SIRINO
JARDIM
DE
DISCURSOS

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Jardim de discursos

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Marcio Bernardino Sirino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S619 Sirino, Marcio Bernardino
Jardim de discursos / Marcio Bernardino Sirino. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0817-8
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.178221512

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Sirino, Marcio Bernardino. II. Título.

CDD 869.91

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo os sonhos estão cheios de jardins. O que faz um jardim são os sonhos do jardineiro1.

(Rubem Alves)

1. ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência:** o dilema da educação. Ipiranga/SP: Edições Loyola, 1999. (p. 24).

A construção da proposta deste livro brotou num dia chuvoso de quarta-feira.

Um dia frio, com aquela vontade de ficar na cama sem levantar, e a preocupação em ler e atualizar o texto da tese (que estava arquivado há quase 1 ano).

Após a sessão de terapia, realizada *on-line*, por conta dos resquícios ainda vigentes dos protocolos de afastamento social, em virtude da Covid-19, eis que a escrita deste material acadêmico-poético floresceu.

Há quem diga que o frio produzido pela solidão do doutoramento fez-me buscar novos motivos para aquecer meu coração. Outros, porventura, afirmam que a chuvarada de vaidades da Academia alagou minha motivação e fez-me encontrar abrigo na estalagem literária para que novos sentidos entrassem na disputa e tornasse este processo (de/trans)formativo mais leve.

Preparados para a jardinagem?

Sejam bem-vindos e bem-vindas ao meu jardim de discursos!

SUMÁRIO

SUMÁRIO

ALECRIM

Tem muita gente se achando
na Universidade
o alecrim dourado
que nasceu no campo.

Mas ele foi semeado.

Foi plantada neste espaço
a lógica da competição
foi cultivada neste jardim
a indiferença sem fim
foi regada a cada dia
a superioridade vazia.

O brilho do alecrim se dá
no movimento articulatório construído
de apagar outros brilhos.

Alecrim só pode crescer
Se um espaço a ele alguém oferecer

mesmo reprimindo flores outras.

Este sufocamento é naturalizado
O alecrim se impõe
com seu brilho dourado.
Mas, e as outras cores? Onde estão?

Soterradas.

BUGANVÍLIA

Pra que serve a semente nova
se a terra está seca?
Onde plantarei buganvílias
se o adubo está escasso?

O jardim dos discursos
possui muitas flores-palavras
Algumas apresentam estética;
outras, um aroma exalam.

Mas, eu sou uma buganvília.

Onde devo me inserir
se não importa o lugar
se tudo é do mesmo jeito
se o jardim só tem retórica.

Não adianta mudar de lugar
Não adianta regar o tempo inteiro
Não adianta colocar esterco

se a terra é estéril.

Sou uma buganvília, mas não posso viver.

CAMOMILA

Toda semana é o mesmo ritual:
Água para ferver,
Sachê a escolher,
Um pouco de açúcar,
E a calmaria fazer acontecer.

Uma performance necessária
Para, no contexto doutoral, sobreviver;
Já que os ansiolíticos tomados,
anteriormente,
Não faziam bem ao meu ser.

Lidar com leituras outras;
Produzir escritas específicas;
Desenvolver retóricas esperadas;
A ansiedade me absorve e fico
paralisado em frente à tela do
equipamento sem conseguir me ver.

Haja chá na quarentena.
A camomila me ajuda a perceber
Que sozinho estou neste processo.
Devo avançar ou me abater?

DENTE DE LEÃO

Com seus dentes afiados
A leonina, que é de virgem, tenta me atacar
Ela ruge suas verdades
E busca me desestabilizar.

Quando penso que estou avançando
Ouço o rugido se apresentar
Logo o medo me envolve
Devo, então, recuar?

Na selva da academia, o mais forte tem sua vez
No topo da pirâmide vociferam as suas leis.
Perdido no meio da floresta
Tantos caminhos sem saber qual devo trilhar.

Quando, então, uma flor brota
Dente de leão veio me inspirar.
Sua força e delicadeza, metaforizados neste jardim.
Renovam minhas forças e faz o rugido virar um Onegin.

Seria o caso de bailar com as flores?

ERVA-DOCE

Era início da madrugada
Quando, um chá, pus-me a fazer
Erva-doce era o seu nome
Prometia-me fortalecer.

Meus nervos estavam abalados
A angústia tomava conta do meu ser
No meio de tantas demandas
Deveria ler, escrever ou sobreviver?

No universo acadêmico,
Nem sempre há compreensão
“Viver não cabe no Lattes”
Dizia para mim uma pichação.

Na contramão desta premissa,
Eu criei minha ilusão:
De que poderia ter leveza;
E avançar sem sofreguidão.

Uma fantasia desejada,
Mas que foi abalada desde então.
Agora, só resta uma esperança:
Não sucumbir com toda essa pressão!

FRÉSIA

“Sinto cheiro de frésias?”
Dizia a jardineira ao ar.
Não se importa com o jardim.
Quer seus frutos arrancar.

Outras flores não a tocam,
Mas à frésia tem rejeição.
Talvez pelo seu aroma,
Ou, mesmo, pela cor do seu tom.

Às vezes, me sinto uma frésia.
Excluída do interior.
Vejo o jardim repleto de flores
Mas nem todas têm o mesmo valor.

Algumas são mais benquistas.
Estas que exalam o ‘padrão’.
Por eu não corresponder à
performatização imposta,
Minha diferença será soterrada, então?

Pode me jogar terra,
Encha-me de seu esterco semanal.
Seu estrume produz, em mim, vida.
E eu, frésia, floresço em escala
potencial.

GIRASSOL

Entro no jardim,
mas quero questionar:
Tudo gira em torno de si?
Deves, o sol, se achar.

As flores,
que fazem o movimento do carrossel,
Permanecem no jardim.
As demais, vão ao léu.

Ora me sinto o girassol
e ora qualquer nome me é cabível.
Entro no discurso do jardim
e oscilo entre o esperado e o possível.

Se me visto de amarelo,
E minhas sementes dão vida,
É sinal que minha identificação
Saiu um pouco da berlinda.

Mas se deixo outros tons me ornar
E minhas sementes não são boas para a alimentação
Entendo que a minha diferença é rotulada
E, com um carimbo, sou arrancado do meu chão.

Há quem pense que a flor que sou morreu.
Sendo um Girassol ou, mesmo, qualquer nome,
Sei que o processo de hegemonização não se perdeu.
Permanece contingente com o sol,
que outrora me aqueceu.
Mas disputa sentidos outros
entre aquele que já feneceu.

HORTÊNSIA

Há uma intencionalidade na Hortênsia.
Ela brota bem faceira, como um buquê
a me esperar.
Se colore em verso e prosa
Possivelmente, quer me fisgar.

Escolhido para a festa
A marcha nupcial se apresentou
Serei feliz para sempre?
O amor romântico não acabou?

Com o tempo, tudo se desgasta.
Inclusive a relação da nossa flor.
Hortênsia, então, se reinventa
Mas não há mais opção além da dor.

O casamento idealizado
Vira, logo, uma utopia.
Hortênsia é flor faceira
Busca outras companhias.

No jardim, a solidão impera.
Flores outras não encontrou
Seria eu uma Hortênsia?
Uma outra Hortênsia me consolou.

IPÊ

Há quem diga que o ipê é uma plena boniteza;
Outros afirmam que o mesmo faz uma grande sujeira.
Alguns, por sua vez, podem pensar as duas coisas:
Formas de entender como funciona o jardim.

Rompendo com os binarismos,
Essa oscilação nos humaniza.
Faz com que a boniteza só exista
Se a sujeira, também, se hegemoniza.

Uma forma de diferimento,
Que, na negatividade do social, vai se apresentar.
Escolher um dos polos do discurso
Não dará conta de o funcionamento do jardim explicar.

O antagonismo precisa ser percebido.
Uma dimensão ontológica do jardim.
Para que as flores floresçam com frutos.
E os ipês (des)encantem pra mim.

JACINTO

Já... sinto os sentidos se apresentarem.

O olfato sentiu o jardim.
Sinto. Sinto muito.
Já sinto o aroma da saudade me inebriar.
Quando adentro ao jardim
E o Jacinto ali não está.

A visão contemplou o jardim.
Vejo. Vejo pouco.
Já vejo que isso não vai poder acontecer.
Passeio pelo jardim
Mas o Jacinto não pode sobreviver.

A audição escutou o jardim.
Escuto. Escuto o suficiente.
Já escuto que a dor do Jacinto não pode ser ouvida

Tento ouvir do jardim
Onde foi parar o Jacinto que habitava em mim?

O tato tocou o jardim.
Toco. Toco sem reservas.
Já toco o lugar do Jacinto que vazio está.
Ao encostar na terra não adubada
Entendo que o Jacinto não teve escolhas.

O Paladar comeu o jardim.
Como. Como com voracidade.
Já como a dor sem digerir a perda.
Era uma vez um Jacinto que sucumbiu ao jardim.

Jacinto
Já sinto.
Não tinha sentido para o Jacinto.
Jacinto não cabia no jardim.

KUSUDAMA

Adentrei ao jardim,
Mas não o reconheci.
As flores eram de papel:
Cortado, colorido, picotado,
Carrossel.

Estranhei no início,
Mas me permiti avançar.
As flores não exalavam aroma:
Sem cheiro, sem vida, sem nada,
Pincel.

Continuei o passeio,
Mas tive dificuldades de compreender.
As flores eram todas iguais:
Kusudama, kusudama, kusudama,
Cruel.

Terminei de passear,
Mas, então, compreendi.

As flores disputam sentidos:
Continentes, provisórios, precários,
Troféu.

LAVANDA

Lá do alto do décimo segundo andar,
foi criado um jardim-altar.
Flores de todo tipo, cores, aromas,
formatos, contextos...
eram plantadas na terra sem Educação.

Eu, Lavanda, a flor da leveza,
fui chamado a neste jardim habitar.
Certamente, eu queira nele morar.
mas, não sabia como seria a
convivência floral-(des)humana.

Minhas arestas foram podadas numa
D.R. pesada.
Minha redoma de vidro foi retirada a
fórceps.
Eu me vi sozinho, desprotegido,
mutilado.
Sofri. Em alguns momentos, calado. Em
outros, gritando cerca afora.

Meu aroma já não exalava mais.
A calmaria que precisava, em mim, não encontrava cais.
Eu me percebi paralisado, sem crescimento, sem vida.
Momento, quando, o tempo passou e vida, dentro de mim, brotou.

Cresceu forças em meio a dor.
Lavanda novamente exalou.
De sua leveza não abriu mão.
E viu o jardim, sem Educação,
Em processo derridiano de desconstrução.

Como será o amanhã?
Eu, Lavanda, não sei afirmar.
Mas, busco todos os dias,
Não deixar desanimar de ser flora; nem, do meu lilás, permitir desbotar.

MARGARIDA

Um certo dia, adentrei no jardim
Qualisficado, performatizado,
discursivamente ornamentado.
Jardim, por muitos, desejado.

Em passos lentos, contemplei a
Margarida,
flor sofrida, apagada, sem muita vida.
Margarida atacava para poder se
defender.
Aos próximos, virava as pétalas e, aos
mais distantes, dispunha o seu pólen a
oferecer.

Rejeitei essa floricultura e Margarida
me abandonou.
Tive minhas resistências e o jardim para
mim se fechou.
Passei por espaços áridos, sofri com a
botânica fantasia da flor.

Margarida tem suas lógicas. Não cedeu.
Só trovejou.

Jorrava sangue pelo caminho, sem
saber aonde iria chegar.

Refiz o meu percurso solitário para
conseguir, no jardim, bem-estar.

Olhei para Margarida e pedi
compreensão.

Ela se voltou para mim, vi suas pétalas
mutiladas e as maquiagens no chão.

Há quem diga que Margarida se pinta
de Rosa

para tentar, com seus espinhos falsos,
se proteger.

Sua forma de viver?

Adoecer.

NARCISO

Ao redor? Só tem espelhos.
Espelhos que circundam o jardim.
Dentro dele, só jaz narcisos.
Narcisos, vaidosos, enfim.

Os Narcisos se aprumam.
Querem boniteza revelar.
Performatizam uma estética.
Fora dela? Não há lugar.

Altivez e imponência,
Vociferam no jardim.
Os Narcisos, arrogantes,
professam discursos num tom marfim.

Os Narcisos acham feio
O que não se configura reprodução.
No jardim dos Narcisos,
Os sentidos espelhados são fruto de
uma – provisória, contingente e precária

– decisão.

ORQUÍDEA

Dentro do jardim, encontrei um orquidário.

Fiquei tão encantando que me pus a produzir um diário.

Em cada dia que entrava, no recanto das orquídeas,

registrava as impressões de uma vida pouco vivida.

Sei que não há fixação sobre o ato de viver.

Uns buscam liberdade. Outros, segurança ambicionam ter.

No entanto, no passeio pelo jardim,

uma escolha tive de fazer.

Passava frio. Sentia calor.

Mas os estremos da temperatura me produziam dor.

As orquídeas me fizeram perceber,

que, dentro de mim, um hibridismo
começava a florescer.

Deixei tudo anotado na lápide do meu
coração.
O orquidário é mais bonito pela mistura
de emoção.
Pois, os pares binários não me ajudam
a perceber:
No jardim dos discursos, uma orquídea,
ao mesmo tempo, pode viver e morrer.

Que composição devo eu escolher?

PETÚNIA

Preste atenção, Petúnia!
Deste jardim, só encontrarás (im)puro estrume.
Não tenha receio. Acostume-se. Ele fertiliza.
Você vai crescer. Vida, em ti, florescerá.

Ah! Petúnia! Eu sei que dói, florida.
Esperar o tempo, aguentar as podas da vida.
O tempo de ser regada. Tempo que não é possível controlar.
Quantas vezes pensou em sair do jardim, não é mesmo?

Persevere, Petúnia!
Chuvas temporã e serôdia vão chegar.
Você irá passar por todas as estações.
Mas, a primavera despontará.

Seja feliz, Petúnia!
O tempo passou. A dor pulverizou.
Vejo um brilho diferente em suas pétalas. Irradia leveza nas suas cores.
O jardim ganha com sua presença.

Petúnia floriu!

QUIMERA

Olhai as Quimeras do jardim!
Vivem solitárias, segregadas, mutiladas.
Tanto esmero elas possuem,
mas o jardim não lhes percebe.

Elas vieram de outra botânica, foram transplantadas.
Neste recanto, não são benquistas: são estrangeiras, forasteiras, asiladas.
Refugiaram-se da dor de serem Quimeras noutro contexto,
para continuarem a sofrer pela identidade que atribuíram, sem respeito.

Quimeras que não são incluídas, não se desenvolvem. Só se atrofiam.
Regadas pela vaidade da noite e pelo orgulho do dia.
Adubadas com indiferença, desprezo e afastamento das demais flores.

As Quimeras sofrem no jardim dos discursos.

Aos poucos, foram sucumbindo. Mutilando-se. Sumindo.

Não resta mais nenhuma Quimera no jardim. Nenhuma sobreviveu à fantasiosa lógica deste lugar.

E a vida segue, com novos discursos, com novos intrusos, com novos recursos.

Recursos estes que imobilizam: tiram nossas pétalas, tiram nossa cor, tiram nossa fragrância e tiram nossa vida.

Serei eu, a próxima flor a ser suicida?

ROSA

Há muitas iguais a você, Rosa!
Flores comuns, que dão em qualquer jardim.
O fato de serem hegemônica em quantidade,
não faz de vocês, rosas, superiores...
Enfim.

Eu sei, Rosa, você tentou se aproveitar desse privilégio.
Ergueu seus espinhos contra as outras flores, foi arrogante, hostil e cruel.
Acreditou que seria absolvida e que suas companheiras, iguais, lhes apoiariam no amor e no fel.
Mas, você fracassou, Rosa!

Por mais que a justiça seja da ordem do incalculável,
como o jardineiro Derrida bem lhe pontuou.

Ele deixou direitos como parte deste cálculo.
Foi, neste hiato, que você tropeçou.

Achou-se acima do bem e do mal.
E se esqueceu que a hegemonia é provisória.
Exibiu suas vaidades eivadas de mal.
Exalou imposição com oratória.

Rosa, você não se atentou,
para o que o jardim dos discursos lhe mostrou:
outros sentidos estão em disputa
E o jardim inteiro entra em luta.

SAMAMBAIA

Espalhada pelo jardim,
seu verde se camuflava.
Com as folhagens de tons afins,
Samambaia chorava.

Queria ter um destaque,
prestígio ou elevação.
Mas se sentia igual às demais
E vivia com sofreguidão.

As flores tinham suas cores
Mas samambaia vivia o padrão.
Era mato, era planta, era erva daninha.
Diferente? Não se sentia não.

Se via desvalorizada.
Queria um afago, então.
Mas samambaia não percebia,
que seu verde imperava entre os
demais tons.

O jardineiro tentou lhe avisar.
Afofou sua terra, regou com um jarrinho.
Mas nada adiantou nessa história.
Samambaia teve seu fim.

Morreu e mudou de cor. Estaria feliz agora?

TUlipa
Que tens personalidade.
Que exala suas vaidades.
Que perfuma mortalidades.

tu**LI**pa
Que você era vaidosa.
Que liderava toda a horta.
Que se destacava no jardim.

tuli**PA**
Que pingava lágrimas das pétalas.
Que discursava ódio sobre as relvas.
Que se cobrava infinita perfeição.

TULIPA
Que possui lembranças de uma terra seca.
Que foi regada com sua dor primeira.
Que criou escudos para se proteger.

TULIPA: aquela que enfeita o jardim, humano, com as marcas que outros jardins, personificados, provocaram.

URTIGA

Urde,
O tempo voa.
A vida passa.
O jardim acaba.
A urtiga chora.

Urde?
A chuva cai.
O sol vai embora.
A ventania cessa.
O nublado vence.

Urde!
O espaço se alaga.
A horta se desaba.
O recanto se mutila.
A vida se suicida.

Urde.
A semente nasce.

O aroma inebria.
A esperança renasce.
O amor irradia.

VIOLETA

Entre aromas, cores e sons,
Violeta brotou.
Sentia-se sozinha, no jardim dos discursos,
Violeta chorou.

Entre lembranças, desejos e sentidos,
Violeta sofreu.
Sentia-se desanimada, no meio da relva molhada,
Violeta emudeceu.

Entre disputas, negociações e antagonismos,
Violeta avançou.
Sentia-se em luta política, no meio de outras subjetividades,
Violeta brigou.

Entre idas e vindas, com muitas

paradas,

Violeta acreditou.

Sentia-se mais fortalecida, no meio da fantasia do jardim da vida,

Violeta, provisoriamente, se hegemonizou.

Pouco tempo depois, Violeta agonizou.

WAKANDA

No jardim, há mitologias.
Há histórias. Há memórias.
No jardim, há fantasias.
Há ensejos. Há desejos.

No jardim, há diferenças.
Há padronizações. Há compreensões.
No jardim, há escolhas.
Há aproximações. Há dispersões.

No jardim, há bonitezas.
Há colaborações. Há interações.
No jardim, há tristezas.
Há contradições. Há imposições.

No jardim, há comparações.
Há saudades. Há dificuldades.
No jardim, há construções.
Há possibilidades. Há vaidades.

Wakanda não há no Jardim.

XAXIM

Dentro do jardim, há muitos jardins.
Fragmentos de existência, que moram no Xaxim.
Grupos seletos, reservados.
Escolhidos pelo garbo de serem diferentes de mim.

Eu sou comum. Estou em qualquer canto.
Mas, no Xaxim, apenas habitam os que produzem (en)canto.
Só os que exalam vaidades, vociferam atrocidades.
Com cores determinadas e matizes autorizadas.

Você não é especial. Também está em qualquer lugar.
É regado vez ou outra. Adubo nenhum vai ganhar.
Diferente dos que estão, no Xaxim,

desta construção sem fim.
Com seus fertilizantes, brilhos abundantes e aromas exuberantes, assim.

Nós somos mais um. Estamos espalhados por todo o jardim.
Não temos podas. Não temos cuidados.
Só podemos olhar, admirados, para os que vivem nos Xaxins.
Eles, sim, têm vida. Têm alegria. Têm leveza. Jardins?

Aspiramos, um dia, quem sabe,
Podermos sair do vergel.
Para nos hospedamos, adivinhem?
Em dignos xaxins, elevados ao céu.

Loucura este desejo? De fato, acredito que sim.
Assinado: Xaxim.

YASMIM

Habita, em mim, todas as cores.
Jaz, em mim, muitos amores
Mora, em mim, vários sabores.
Vive, em mim, algumas flores. Todas nomeadas por Yasmim.

Reside, em mim, nenhuma decência.
Aloja-se, em mim, pouca sofrência.
Ocupa, em mim, alguma insipiência.
Fixa, em mim, um único tipo de fragrância. Essência de Yasmim.

Eu sou o Jardim.
Acolho, mas, também, segrego.
Hospedo, mas, sobretudo, afasto a flor que não é Yasmim.

Eu sou Yasmim.
Aceito, mas, ainda, recrimino.

Convivo, mas, inclusive, renego o diferente que entra no meu jardim.

ZÍNIA

Entrei, no jardim da Zínia, achando que iria encontrar
flores, diversas, que pudessem o aroma de motivação exalar.
Vi muitas cores e ouvi muitos rumores,
mas, as flores não estavam vivas.
Entendi que era tudo discurso.

Passeei pelos recantos do jardim da Zínia tentando desbravar
compreensões que me fizessem entender a dinâmica da botânica.
Vi letras, sílabas, palavras, frases, orações,
mas as flores eram de papel. Era tudo discurso.

Fiquei parado em cada "Ário" do jardim da Zínia
buscando despertar sentidos outros,
que me pudessem fazer valorizar.

Peguei o alfabeto inteiro e coloquei no jardim de papel.

Mas as flores não brotaram. Tudo discurso.

Saí do jardim da Zínia.

Não encontrei, dentro dele, o que precisava.

Tantas cores, aromas e flores, tinha eu a fantasia de encontrar.

Mas as flores eram inimigas. Discurso.

Olhei para traz e vi o jardim da Zínia florido. Produção discursiva!

Este jardineiro, nomeado como **MARCIO BERNARDINO SIRINO**, é aquele que sobreviveu aos lobos e que faz da literatura a sua morada. Pertencente à camada empobrecida da população brasileira, o colecionador de flores é canceriano, homem pardo (segundo a Certidão de Nascimento), homossexual e, ainda, discípulo do Pequeno Príncipe. Atua há mais de dez anos na área da Educação e, contemporaneamente, leciona no Ensino Superior, esperançando (à luz de Paulo Freire) contribuir na formação dos educadores para atuarem em espaços escolares, bem como em ambientes não escolares – da melhor forma que puderem. Em 2019, este jardineiro iniciou os estudos em nível de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), onde teve a oportunidade de se aproximar da Teoria do Discurso (de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe) e se viu, sozinho, adentrando num jardim – ‘secreto’ – repleto de flores que 'exalavam' discursos diversos. Momento, quando, assumiu, discursivamente, o papel de jardineiro e criou novos sentidos para o passeio botânico – tornando-se sujeito de seu processo formativo.

Sejam bem-vindos ao meu jardim!

Neste jardim, há discursos de todo tipo. Discursos em formas de flor... Para o dia/tarde/noite/madrugada FloRir, ou não, pois estes discursos podem, também, promover sofreguidão.

Discursos que, de alguma forma, me atravessaram durante o processo de doutoramento e que, de maneira poética, senti a necessidade de fazê-los brotar em terra (in)fértil: neste livro-amigo – considerado, por mim, como um espaço-tempo de produção de sentidos.

Há um pouco de ansiedade (ou muito, talvez...). Existem rastros de medo (ou pânico, quiçá!). Contêm pistas de insegurança (ou pouco amadurecimento, quem sabe?).

Abrange, também, processos de desconstrução (Jacques Derrida quem o diga). Compõe-se, inclusive, por ações de superação (apropriação de uma teorização nova, em tempos de Pandemia da Covid-19, sem nenhuma garantia à priori). Engloba, ainda, uma decisão (tomada num terreno indecidível) de me abrir para uma nova forma de perceber o social (com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe fiz um percurso institucional). Fantasias que me movem em prol de uma formação integral. Jason Glynos me ajudou. Foi meu parceiro (in)consciente mais do que real. Junto com David Howarth, alcei voos na aurora boreal da Psicanálise.

Fiquem à vontade para passear em meu jardim. Aproximem-se da flor que quiserem, mas entendam/reconheçam a importância de todas elas para a construção, discursiva, deste espaço educativo.

Se quiser regá-las, vou lhes agradecer. Mas, caso contrário, desejo apenas que consigam sobreviver e que muitas bonitezas venham – vocês, caros leitores – viver.

Estou esperando por vocês perto do Alecrim. Lá será a nossa primeira parada de um passeio discursivo-alfabético-floral que não terá fim e (não) promete ser sensacional.

Que Jacques Lacan nos conduza ao simbólico devocional!

Com açúcar e com afeto,
Jardineiro.

Sejam bem-vindos ao meu jardim!

Neste jardim, há discursos de todo tipo. Discursos em formas de flor... Para o dia/tarde/noite/madrugada FloRir, ou não, pois estes discursos podem, também, promover sofreguidão.

Discursos que, de alguma forma, me atravessaram durante o processo de doutoramento e que, de maneira poética, senti a necessidade de fazê-los brotar em terra (in)fértil: neste livro-amigo – considerado, por mim, como um espaço-tempo de produção de sentidos.

Há um pouco de ansiedade (ou muito, talvez...). Existem rastros de medo (ou pânico, quiçá!). Contêm pistas de insegurança (ou pouco amadurecimento, quem sabe?).

Abrange, também, processos de desconstrução (Jacques Derrida quem o diga). Compõe-se, inclusive, por ações de superação (apropriação de uma teorização nova, em tempos de Pandemia da Covid-19, sem nenhuma garantia à priori). Engloba, ainda, uma decisão (tomada num terreno indecidível) de me abrir para uma nova forma de perceber o social (com Ernesto Laclau e Chantal Mouffe fiz um percurso institucional). Fantasias que me movem em prol de uma formação integral. Jason Glynos me ajudou. Foi meu parceiro (in)consciente mais do que real. Junto com David Howarth, alcei voos na aurora boreal da Psicanálise.

Fiquem à vontade para passear em meu jardim. Aproximem-se da flor que quiserem, mas entendam/reconheçam a importância de todas elas para a construção, discursiva, deste espaço educativo.

Se quiser regá-las, vou lhes agradecer. Mas, caso contrário, desejo apenas que consigam sobreviver e que muitas bonitezas venham – vocês, caros leitores – viver.

Estou esperando por vocês perto do Alecrim. Lá será a nossa primeira parada de um passeio discursivo-alfabético-floral que não terá fim e (não) promete ser sensacional.

Que Jacques Lacan nos conduza ao simbólico devocional!

Com açúcar e com afeto,
Jardineiro.

Ano 2022